

# Beatriz de Sá, a improvável Elisa de Garcilaso

Luís de Sá Fardilha  
Universidade do Porto

*El biografismo, desde luego, tan apreciado por la crítica positivista,  
añade poco a la experiencia poética,  
pero en algún momento no resulta del todo irrelevante*

Alberto Blecua<sup>1</sup>

É bem conhecida a canção «En la muerte del pastor Nemoroso Laso de la Vega», que fecha a égloga *Nemoroso* de Francisco de Sá de Miranda. Escrita em 1537, no primeiro aniversário da morte de Garcilaso<sup>2</sup>, esta composição termina com uma referência explícita a uma ligação estreita que existiria entre a família do poeta toledano e os Sás portugueses, a que Miranda pertencia:

Al mui antigo aprisco  
De los Lasos deVega  
Por suerte el de los Sas viste juntado.  
Si cae el mal pedrisco  
Abrigando se allega  
I canta ende el pastor, huelga el ganado.  
Elisa, el tu cuidado  
Que aca tanto plañiste

1. Alberto BLECUA, *Garcilaso de la Vega*, in *Arte y Poesía. El amor y la guerra en el Renacimiento*. Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional de Espanha entre 27 de Novembro de 2002 e 26 de Janeiro de 2003, Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, Madrid, 2002, 44.

2. No texto da égloga, o pastor Salício refere-se a esta efeméride de modo explícito – «Hoi cumple el año del buen Nemoroso / Que solos nos dejó». Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesías* (Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, reprodução do exemplar com data de 1885 da Biblioteca Nacional), INCM, 1989, 370, vv. 373-374) –, o que, sabido que Garcilaso morreu em 13 ou 14 de Outubro de 1536 (cf. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Garcilaso, poeta del amor, caballero de la guerra*. Espasa Calpe, Madrid, 2002, 302), nos permite fixar o ano de composição desta égloga mirandina.

Por muerte (ai suerte) falta,  
 Plañiendo la en voz alta,  
 Quien no plañió despues do la subiste?  
 Ora ella al cielo erguida  
 Dejas la muerte atras, vas te a la vida!<sup>3</sup>

Os versos que transcrevemos aqui colocaram a Carolina Michaëlis de Vasconcelos dificuldades de interpretação que a erudita editora mirandina se confessou incapaz de superar:

Esta última estrofe está cheia de alusões quase indecifráveis, por mais que se combine a pontuação para esclarecê-las. As linhas 521-23 [«Si cae el mal pedrisco / Abridando se allega / I canta ende el pastor, huelga el ganado.»] terão talvez a seguinte significação: Que o velho e decaído solar dos Mirandas nas Astúrias, junto a Santo André [...] está tão próximo do solar dos Lassos, que os pastores correm de um para o outro, para se abrigar do mau tempo. Ou haverá alusão a alguma ajuda que os Lassos prestariam aos Mirandas?<sup>4</sup>

A mais recente biografia de Garcilaso de la Vega, publicada por María del Carmen Vaquero Serrano, em 2002<sup>5</sup>, veio lançar uma luz nova sobre os laços que uniam as famílias dos dois poetas ibéricos e propôs uma interpretação daqueles enigmáticos versos que se nos afigura de uma pertinência irrefutável. Recorda esta ensaísta que Don Pedro Laso, irmão do poeta, esteve envolvido na revolta das Comunidades e, em consequência desta sua actuação política, viu-se forçado ao exílio em Portugal. A presença deste fidalgo castelhano no nosso país era conhecida da crítica portuguesa. Em 1908, Anselmo Braamcamp Freire transcrevera, mesmo, o começo de uma carta sua, datada de Bruxelas, a 13 de Abril de 1553, e dirigida ao monarca português, em que o remetente recorda a familiaridade que mantivera com D. João III, quando este o acolheu:

Si V. A. se acuerda del tiempo de su juventud, bien terna memoria de un hombre, a quien V. A. llamava Lassico, por mucha familiaridad, en casa de D. Elvira de Mendonça, antes que fuese Rey.<sup>6</sup>

Apesar de assinalar a presença de Pedro Laso em Lisboa e de dar conta do seu casamento, em 1526, com D. Beatriz de Sá, Braamcamp Freire não estabelece nunca a relação com Garcilaso, nem refere o parentesco da noiva com Sá de Miranda. Estes factos permitiram, no entanto, que Vaquero Serrano avançasse para os versos de Miranda que tanto intrigaram Carolina Michaëlis de Vasconcelos a seguinte interpretação:

En 1524, el mal pedrisco del exilio había llegado para don Pedro Laso, pero, habiéndose allegado al rico aprisco portugués de los Sa, encontró abrigo en él, -en forma de una gentil dama, joven y guapa, de nombre Beatriz (o Brites)- y, por tanto, el comunero, como feliz pastor, cantaba y sus asuntos discurrían por un excelente y esperanzador camino<sup>7</sup>.

3. Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 378.

4. Carolina Michaëlis de VASCONCELLOS, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Reprodução do exemplar com data de 1885 da Biblioteca Nacional, INCM, 1989, 837-838.

5. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Garcilaso*, Madrid, 2002.

6. Anselmo Braamcamp FREIRE, «A gente do Cancioneiro», *Revista Lusitana. Archivo de estudos philológicos e etnológicos relativos a Portugal*. Vol. X (1908), 278.

7. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Garcilaso*, 124.

O avô de Beatriz de Sá era João de Sá, um dos vários filhos ilegítimos do célebre João Rodrigues de Sá, conhecido como «o das Galés». Pelo seu lado, o bisavô de Francisco de Sá de Miranda, Rodrigueanes de Sá, era filho do mesmo «Sá das Galés». O casamento da dama portuguesa com Don Pedro Laso estabeleceu um vínculo entre as famílias de Garcilaso e de Miranda que este último quis pôr em relevo na égloga comemorativa da morte do poeta castelhano. Isto justificaria amplamente a referência e explicaria cabalmente o sentido dos versos mirandinos.

Vaquero Serrano, no entanto, quis levar mais longe a vinculação de Garcilaso aos Sás de Portugal. Para a biógrafa do toledano, os versos de Miranda permitiriam ainda ver que a célebre Elisa cantada e chorada pelo poeta não seria outra senão a mulher do seu irmão Pedro:

De lo que el lírico portugués aquí manifiesta y del momento en que se escribió este poema hay que deducir, primero, que, antes de la muerte de Garcilaso en 1536, los Laso de la Vega habían emparentado con los Sa -hecho que ya nos consta, pues sabemos que Pedro Laso había matrimoniado con doña Beatriz de Sa en 1526-, y, segundo, que el pastor Nemoroso, del «aprisco» de los Laso, lógicamente estando vivo, había llorado con toda su alma la muerte de la pastora Elisa perteneciente al «aprisco» de los Sa. Luego si Nemoroso, para Francisco Sa de Miranda, era el poeta Garcilaso, Elisa no podía ser otra que doña Beatriz de Sa, que era la única Sa por la que ambos «apriscos» -hasta entonces- habían emparentado o se habían visto ajuntados.<sup>8</sup>

Esta tese, que Vaquero Serrano retomou e desenvolveu num ensaio posterior consagrado à genealogia de *Doña Beatriz de Sá, la Elisa posible de Garcilaso*<sup>9</sup>, ao contrário do que se afirma, não nos parece que esteja legitimada por uma leitura expurgada de ideias preconcebidas. Recordemos os versos em que Sá de Miranda evoca a amada de Garcilaso:

Elisa, el tu cuidado  
Que aca tanto plañiste  
Por muerte (ai suerte) falta,  
Plañiendo la en voz alta,  
Quien no plañió despues do la subiste?  
Ora ella al cielo erguida  
Dejas la muerte atras, vas te a la vida!

Sá de Miranda dirige-se a um Garcilaso morto, que já não se acha «aca», isto é, na terra, onde chorou a morte da sua Elisa. A ausência física desta fazia com que o poeta, enquanto lhe sobreviveu, estivesse «morto»; agora, que a morte o libertou e lhe permitiu ir juntar-se «lá», no céu, à amada, pôde recuperar outra vez a «vida». Este parece ser o significado dos versos «Ora ella al cielo erguida / Dejas la muerte atras, vas te a la vida!». Não vemos como, sem fazer violência ao texto, se possa concluir daqui que Elisa pertencia ao «aprisco» dos Sás... No entanto, é esta leitura, a nosso ver errada, dos versos da *Nemoroso* de Sá de Miranda que leva a biógrafa de Garcilaso a atribuir ao próprio Sá de Miranda uma identificação que o poeta português não faz. De facto, no encerramento do seu trabalho biográfico, depois de pôr em causa a tese mais comum, que identifica Elisa com D. Isabel Freire, Vaquero Serrano escreve:

8. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Garcilaso*, 226.

9. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá, la Elisa posible de Garcilaso. Su genealogía*, Toledo, Oretania Ediciones, 2002.

Mucho más digna de crédito me parece la versión de Francisco Sa de Miranda, contemporáneo y emparentado con los Laso, de que Nemoroso (Garcilaso) lo que lloraba en sus églogas era la muerte de una Sa (Elisa). Y como la única Sa casada que pudo fallecer en un parto, al que sí es posible que asistiera o estuviese muy próximo Garcilaso, porque probablemente hasta vivían aún en la misma casa, fue doña Beatriz de Sa, la segunda mujer de su hermano don Pedro, creo que, casi sin duda alguna, fue ella la dama portuguesa de quien realmente, con un amor prohibido e imposible, se enamoró el poeta Garcilaso.<sup>10</sup>

Como vimos, a autora quer atribuir a Sá de Miranda uma «versão» que, em bom rigor, o poeta nunca apresentou. Se lermos a obra mirandina, não encontraremos, nesta égloga ou em qualquer outro texto, nada que justifique a identificação de Elisa com uma mulher que pertencesse à família dos Sás. Pelo contrário, há indícios, noutra das suas églogas, que apontam no sentido de que certos detalhes desta figura feminina não se coadunam com o que podemos saber sobre D. Beatriz.

Um dos aspectos biográficos da Elisa de Garcilaso que têm sido universalmente aceites relaciona-se com os motivos da sua morte. A égloga I é, efectivamente, clara a este propósito, quando alude a «aquele duro trance de Lucina», deixando entender que a amada morreria de parto. Embora não possa apresentar qualquer evidência positiva de que D. Beatriz tenha falecido ao dar à luz, Vaquero Serrano empenha-se na demonstração de que esta poderia ter sido a causa da sua morte:

[...] aunque sabemos por Frutuoso y por la única cláusula que he hallado de su testamento, que doña Beatriz no tuvo descendencia, esto no quiere decir que no sufriera abortos o pariese criaturas no viables en varias ocasiones. Posiblemente y lo común en aquella época era que el parto, o los partos, se complicaran y que la dama, pese a su juventud, muriera en algún alumbramiento.<sup>11</sup>

Não custa aceitar que o raciocínio é plausível, mas temos de reconhecer que a autora não faz mais do que aproveitar as possibilidades de especulação deixadas pela falta de conhecimento concreto sobre as condições em que ocorreu o óbito da segunda esposa de Pedro Laso. O que não parece merecer contestação é o facto de D. Beatriz de Sá não ter deixado descendência. Ora, na «nova redacção» da égloga *Célia*, publicada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos na sua edição das *Poesias* de Francisco de Sá de Miranda, os nomes de «Nemoroso de la Vega» e «Laso» são associados a uma figura feminina (Célia), que encontrou a morte «estando en fuerte i fresca edad». Esta jovem mulher, que «cantava Laso en el Andaluzia», não só tinha um marido que a chora, mas também filhos, que em vida eram o seu «precioso i grande arreo»:

Ve plazer de aca, ve los enojos  
 Como son vanos; pienso cierto e creo  
 Que a menudo hazia aca buelva sus ojos  
 Donde de si dejó tanto deseo  
 I aquellos sus riquisimos despojos,  
 El cuerpo; aquel precioso i grande arreo,  
 Sus hijos (como en vida ella dezia),  
 Aquel su amor tan dulce parecia.<sup>12</sup>

10. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Garcilaso*, 324.

11. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá*, 65.

12. Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 303-304, vv. 169-176.

Se aceitarmos, com Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que o nome *Célia* resulta de um anagrama de Elisa<sup>13</sup>, teremos então de admitir que esta Célia-Elisa de quem os filhos choram a ausência não pode ser D. Beatriz de Sá. Partindo do princípio de que o nome Nemoroso designa, nas éclogas mirandinas, o poeta Garcilaso de la Vega, não seria possível sustentar a hipótese defendida por Vaquero Serrano.

A argumentação desta ensaísta assenta, contudo, em algumas outras bases, que nos parecem igualmente contestáveis. A mais frágil é a que se propõe defender que o nome *Elisa* representa um anagrama do nome de família de Beatriz de Sá:

Si los familiares de la novia eran conocidos como los Sa, ¿entre los Laso no llamarían a doña Beatriz «la Sa»? ¿La Sa o Elisa? ¿Brites de Sa fonéticamente no se parece a Elisa?<sup>14</sup>

Devemos reconhecer que esta argumentação é engenhosa, mas também pouco convincente. Uma vez colocada a hipótese de que o nome «Elisa» encontrado na poesia de Garcilaso não é aleatório, tendo origem no de uma personagem histórica, impunha-se demonstrar que ele poderia ser o anagrama, ainda que imperfeito, de Beatriz de Sá. Apesar daquela sugestão de que «foneticamente» Brites de Sá se pareceria com Elisa, a autora não chega a defender esta ligação. Tratava-se, aliás, de uma tarefa difícil, até porque a dama de D. Isabel nunca é designada como Brites. Gaspar Frutuoso usa a forma «Breatiz»<sup>15</sup>, Gil Vicente também a designa assim<sup>16</sup>, e o *Cancioneiro Geral* oferece uma variante ortográfica da mesma forma: «Briatiz»<sup>17</sup>, enquanto uma carta régia de 1538 apresenta a forma «Byatriz»<sup>18</sup>. Talvez porque não tenha encontrado nenhuma abonação da forma «Brites», Vaquero Serrano parece ter abandonado este argumento. Concentra-se porém na outra ideia, isto é, a de que «Elisa» poderia corresponder a uma forma de designar D. Beatriz recorrendo ao seu nome de família: «La Sa o Elisa». Para demonstrar a viabilidade desta ideia, recorre aos poetas do *Cancioneiro Geral* que compuseram algumas glosas em louvor desta dama. A contribuição mais significativa, para o seu ponto de vista, seria a composição de D. Simão de Sousa, onde julga encontrar «casi el nombre de Elisa (**ela s'a**)»<sup>19</sup>:

*Quem qyser **saa** rar o mal  
Que doutra molher tyver,  
Oolbe a que lh'eu dysser.*

*Por que **s'aa**-d'oulhar rezã  
por **ela s'a**-de perder  
e **sáa**-de ter sojeycam  
onde pode mylbor ser.*

13. Carolina Michaëlis de VASCONCELLOS, *Poesias*, 821 e 833.

14. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Garcilaso*, 125.

15. Gaspar FRUTUOSO, *Saudades da terra*. Manuscrito do Arquivo de Ponta Delgada. A informação é dada pela própria María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá*, 51).

16. *Obras completas de Gil Vicente*. Reimpressão «fac-similada» da edição de 1562, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1928, fo. CLvº, col. 2 e fo. CCVrº, col. 2.

17. García de RESENDE, *Cancioneiro Geral*. Edição de Aida F. Dias, Vol. III, Lisboa Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, 178.

18. «Carta régia de 16 de Outubro de 1538» (ANTT, *Chancelaria de D. João III*, livro 26º de *Doações*, fo. 160vº), transcrita em *Arquivo dos Açores*, vol. VIII, 404-405.

19. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá*, 81.

*Ó perdyçam de prazer  
pera quem olbos tyver,  
Ó molheres, que molher?*<sup>20</sup>

Se nos parece aleatório e, até, violento o processo de isolar elementos que surgem fora de qualquer posição estratégica que pudesse indiciar um significado intencional, no interior dos versos, integrados em unidades fonéticas, sintácticas e semânticas superiores, o que dizer quando se assinala a presença do elemento «saa» no verso «Como **sa**ará meu mal», do Barão de Alvito, ou «sa» nos versos do Conde de Vimioso – «A vista qu' á-de **saluar**» – e de Gonçalo da Silva – «nom veja **essa** molher?»<sup>21</sup> Poderemos aceitar sem reticências que estas ocorrências correspondam a um jogo de sons intencional, deliberadamente orientado «para lograr el apellido Saa o Sá»<sup>22</sup>? Parece-nos, antes, uma maneira de encontrar no texto o que desejaríamos que ele oferecesse, ou de atribuir aos autores as intenções que gostaríamos que fossem as suas.

O que não há dúvida é que estas e as restantes composições recolhidas por Vaquero Serrano mostram que D. Beatriz de Sá foi, durante o tempo em que frequentou a corte portuguesa, objecto das atenções masculinas e essa admiração deixou rasto nas páginas do *Cancioneiro Geral*. Nas palavras de Garcia de Resende, o organizador dessa colecção destinada ao registo e divulgação das grandezas cortesãs nacionais, ela terá sido uma «fermosa molher»<sup>23</sup>. Gaspar Frutuoso foi mesmo ao ponto de escrever que, no seu tempo, corria a fama de que fora «a mais fermosa molher que se achou em Portugal»<sup>24</sup>. Aos testemunhos reunidos pela biógrafa de Garcilaso, poderíamos acrescentar as menções de Gil Vicente, que se lhe refere em duas das suas obras. No *Velho da horta*, entre as donzelas da Rainha, a alcoviteira invoca os favores de «Sancta D. Breatiz de Saa», para «dar conforto» ao velho enamorado e, assim, ajudar a despertá-lo do desmaio que o atingira<sup>25</sup>; na *Nau de Amores* parece aludir-se à sua partida para Castela e, se seguíssemos o mesmo método da biógrafa de Garcilaso, poderíamos, até, detectar, como nos versos do *Cancioneiro* de Resende, o rasto onomástico dos Sás:

*Dom Francisco Lobo diz...  
nam sey, esta seri'ella,  
já sey, diz que a Emperatriz  
lbe levou pera Castella...  
nam sey, será Breatiz?  
Nome de molher er'ella*

20. Os negritos são da responsabilidade de Vaquero Serrano, e encontram-se na transcrição que esta incluiu no seu trabalho *Doña Beatriz de Sá*, 82). Na edição do *Cancioneiro Geral* preparada por Aida Dias (Vol. III, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993) leva o n.º 582 encontra-se na pág. 178.

21. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá*, 83, 84 e 86. Os negritos são, obviamente, da responsabilidade da autora. Os textos encontram-se em Garcia de RESENDE, *Cancioneiro Geral*. Edição de Aida F. Dias, 178-179.

22. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá*, 81.

23. Garcia de RESENDE, *Cancioneiro Geral*. Edição de Aida F. Dias, 262. Garcia de Resende escreve:

*Doutra fermosa molher,  
que laa naceo nũa ilha,  
nam digo mais senam ser  
muito grande maravilha  
quem na vir nam se perder.*

24. Citado em VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá*, 52.

25. *Obras completas de Gil Vicente*, fo. CCV rº, col. 2.

*E elle queralhe bem,  
E **elle sa** micas nam na tem,  
E **ella sa** micas jaa  
Teraa la querença alguem.<sup>26</sup>*

Se quisermos levar a sério esta argumentação, teremos de ponderar que a data de publicação do *Cancioneiro Geral* impõe que todos os textos aí recolhidos sejam anteriores a 1516. Só a *Nau de Amores* vicentina, de acordo com a rubrica da edição de 1562, foi redigida depois daquele ano, em 1527. Isto significaria que a futura esposa de D. Pedro Laso já seria conhecida pelo apelido familiar muito antes de se ter ligado aos Lasos. Ora, se poderíamos aceitar que os membros de uma família estrangeira a designassem assim, não nos parece crível que, numa corte onde os Sás tinham múltiplos membros, pertencentes a diferentes ramos da família, D. Beatriz fosse conhecida como «a Sá». Menos plausível ainda será que esta dama se visse desde esse tempo associada ao anagrama Elisa, que Garcilaso e Sá de Miranda apenas teriam recuperado. Talvez não seja completamente impossível que tal se tenha verificado; custa, porém, a crer que, a ser assim, nunca tal nome lhe tenha sido atribuído explicitamente por nenhum dos seus admiradores... Trata-se, de qualquer modo, de um argumento de óbvia fragilidade e que, por si só, não pode seriamente sustentar a identificação que é proposta. A sua pertinência poderia apenas aceitar-se no caso de vir juntar-se a evidências de outra natureza, mais sólidas e positivas.

É por isso que a chave de toda a argumentação expendida por Vaquero Serrano se concentra em torno da morte de Beatriz de Sá e respectivas circunstâncias. Para que a tese que defende tenha viabilidade, é-lhe necessário demonstrar que a cunhada de Garcilaso encontrou a morte numa data anterior a 1536 e, por outro lado, num momento em que Garcilaso se encontrasse em Toledo, ou nas proximidades, uma vez que o poeta terá sido testemunha presencial do desenlace fatal. Tendo em conta estes constrangimentos, a reflexão da ensaísta leva-a às conclusões seguintes:

La fecha del fallecimiento de doña Beatriz hubo de ser en algún día a partir de 1527 y anterior al estío de 1531 y en un momento en el que Garcilaso de la Vega se encontrara en Toledo. Como además sabemos que el poeta, junto con su hermano Pedro, faltó de su ciudad natal por acompañar al Emperador a su coronación en Bolonia aproximadamente desde mediados de marzo de 1529 a abril de 1530, doña Beatriz solo pudo fallecer en dos periodos: de 1527 a primeros de marzo de 1529; o bien -tras quedar encinta en la primavera al regreso de su marido de Italia-, a finales de 1530 o primeros días de 1531<sup>27</sup>.

A autora confessa inclinar-se mais para este último período, o que significa, de qualquer modo, que estaria morta nos primeiros meses de 1531. Esta conclusão colide, no entanto, com o que informa Anselmo Braamcamp Freire, num trabalho dedicado a esclarecer quem era *A gente do Cancioneiro* de Garcia de Resende, e no qual consagra algumas breves páginas a D. Beatriz de Sá. Aí se escreve que «em 1537, dois anos antes da sua imperial ama, faleceu D. Beatriz sem deixar filhos»<sup>28</sup>. Esta data parece conjugar-se com o facto de no testamento da imperatriz D. Isabel, falecida em 1539, não haver nenhuma menção a D. Beatriz, enquanto a irmã e uma sobrinha sua são contempladas com um certo valor em dinheiro para os respectivos casamentos. Efectivamente, D.

26. *Obras completas de Gil Vicente*, fo. CL v<sup>o</sup>, col. 2. Os negritos são, obviamente, de nossa responsabilidade.

27. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Doña Beatriz de Sá*, 67-68.

28. Anselmo Braamcamp FREIRE, «A gente do Cancioneiro», *Revista Lusitana. Archivo de estudios philológicos e etnológicos relativos a Portugal*. Vol. X (1908), 279.



Isabel de Sá, a irmã que beneficiava do legado imperial, viria a casar com o seu cunhado viúvo, provavelmente nesse mesmo ano de 1539. Braamcamp Freire indica o ano de 1537 para a morte de D. Beatriz de Sá com base num documento da Chancelaria de D. João III. Por carta de 16 de Outubro de 1538, o monarca manda entregar, desde o primeiro dia de Janeiro desse ano, a Pero Camelo Pereira, fidalgo, as pensões dos tabeliães dos Açores e as saboarias de S. Miguel, que tinham vagado por falecimento de D. Beatriz de Sá. Embora o documento não seja explícito quanto à data em que a detentora daqueles direitos morreu, o facto de se indicar o dia 1 de Janeiro de 1538 para que Pero Camelo Pereira deles passasse a usufruir permite inferir que o falecimento poderá ter ocorrido no ano anterior. Extraordinário seria que, se D. Beatriz tivesse falecido nos começos de 1531, como quer Vaquero Serrano, o monarca português tivesse esperado quase sete anos para atribuir a outro os direitos que ela deixara vagos!

A ser exacto que D. Beatriz de Sá sobreviveu até 1537 – o que, à luz do referido documento, nos parece muito possível –, todos os raciocínios e interpretações que Vaquero Serrano propõe estão, naturalmente, inviabilizados. Não seria possível que Garcilaso chorasse a morte duma senhora que se encontrava viva, mesmo que admitíssemos que a cunhada lhe suscitasse sentimentos ou paixões de qualquer natureza. Nada nos custa a crer – e parece-nos, até, altamente provável – que uma figura feminina como D. Beatriz de Sá, cuja beleza foi exaltada por vários dos seus contemporâneos e inspirou tantos autores portugueses, possa estar na origem de alguns dos versos do poeta toledano. No entanto, uma vez verificada a fragilidade da restante argumentação com que a ensaísta procura sustentar a sua hipótese, forçoso é concluirmos que a informação disponibilizada naquela Carta régia de 1538 nos obriga a rejeitar que a Elisa de Garcilaso – e, já agora, também a Célia de Sá de Miranda – possa ser identificada com a segunda esposa do seu irmão Pedro. Não sabemos até que ponto será possível algum dia afirmar positivamente a identidade civil dessa personagem literária. No entanto, como acentua Alberto Blecuá no texto que escreveu para o catálogo da exposição *Arte y Poesía. El amor y la guerra en el Renacimiento*, realizada na Biblioteca Nacional de Espanha, em Madrid, entre Novembro de 2002 e Janeiro deste ano, a hipótese mais consistente continua a ser Isabel Freire. Blecuá, que já conhecia a biografia de Garcilaso publicada por Vaquero Serrano, sublinha os dados que fundamentam a identificação tradicional:

Ella murió de puerperio en 1533 o 1534, y, desde luego parece ser la Elisa de las Églogas I y III y de algunos sonetos y canciones. Fernando de Herrera, que conocía bien al yerno de Garcilaso, don Antonio de Fonseca, da como firme el suceso de estos amores. Una prueba más fidedigna es el epígrafe de una canción octosilábica «De Garcilaso a doña Isabel Freyra porque casó con un hombre fuera de su condición», aludiendo probablemente al origen converso de Fonseca. El testimonio posee gran valor porque se halla en el Ms. Lastanosa-Gayangos que se remonta en última instancia a un autógrafa de Boscán.<sup>29</sup>

Alberto Blecuá tem razão, quando afirma, na frase que colocamos em epígrafe ao nosso trabalho, que o biografismo pouco acrescenta à experiência poética. No entanto, está longe de ser irrelevante, sobretudo quando pode evitar leituras redutoras e/ou equivocadas da poesia de uma personalidade com a dimensão de Garcilaso de la Vega; ou, já agora, também quando permite esclari-

29. Alberto BLECUA, «Garcilaso de la Vega», in *Arte y Poesía. El amor y la guerra en el Renacimiento*. Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional de Espanha entre 27 de Novembro de 2002 e 26 de Janeiro de 2003, Madrid, Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, 2002, 43-44.



recer o sentido de alguns versos enigmáticos como os do final da égloga *Nemoroso*, de Sá de Miranda. As nossas críticas não significam, portanto, uma desvalorização global do trabalho biográfico de que Vaquero Serrano é autora. Pelo contrário, trata-se de uma obra que veio acrescentar novos e surpreendentes elementos ao que se conhecia sobre o poeta. Víctor Infantes foi o primeiro a assinalar a novidade e a importância dos contributos que a investigadora trouxe aos estudos sobre o toledano<sup>30</sup>. Também Alberto Blecua destaca o carácter «assombroso» do testamento de D. Guiomar Carrilho, mãe do filho ilegítimo de Garcilaso, documento que a autora descobriu e deu a conhecer<sup>31</sup>. No entanto, em relação a este ponto preciso das suas conclusões, isto é, quanto à identificação de Elisa, teremos de considerar que eram justificadas as cautelas com que a própria Vaquero Serrano encerrava a biografia do poeta:

Mas, como es humano el errar y mis hipótesis pueden resultar fallidas, daré fin aquí a mi obra con aquel verso de Ariosto recordado por Cervantes en ocasión famosa:

*Forse altri canterà con miglior plettro.*<sup>32</sup>

---

30. Víctor INFANTES, *Aurea Bibliographica*, in *Noticias Bibliográficas. Revista Bibliográfica Anticuaria Internacional*. Nº 89 (septiembre-octubre 2002), 14-15.

31. Alberto BLECUA, «Garcilaso de la Vega,» in *Arte y Poesía*, 42.

32. María del Carmen VAQUERO SERRANO, *Garcilaso*, 324.

